

NÃO ESQUEÇAM O QUE ESCREVI*

EM ALGUM MOMENTO de 1995 fui surpreendido pelo noticiário dos jornais: a campanha presidencial de Lula no ano anterior fora fartamente financiada por grandes bancos e empreiteiras. Na primeira hora não acreditei, mas logo ficou claro que era tudo verdade. Eu integrava na época a direção do PT e havia participado intensamente da campanha. Mas, assim como quase todos, desconhecia esses financiamentos. Apenas um pequeno grupo informal, organizado em torno de Lula, tinha acesso a certo tipo de decisões e informações (é o grupo que hoje forma o chamado “núcleo duro” do governo e suas adjacências). Tentei, em vão, debater o assunto na direção nacional, onde o medo predominava. Resolvi então levar o tema à instância máxima do partido, o Encontro Nacional. Não pude concluir meu discurso. Quase fui espancado pelo grupo de choque da Articulação. Saí do partido. Compreendi que ele jamais seria o mesmo. Lula e seus companheiros mais íntimos haviam provado em 1994 as delícias do ambiente promíscuo que predomina amplamente na política brasileira. Havia aceito as regras do jogo. O tempo do idealismo ficara para trás. Percebi que, com o aval das lideranças mais importantes, essa prática se disseminaria, trazendo consigo as patologias a ela associadas. Em fins de agosto de 1995, mais ou menos uma semana depois do Encontro Nacional, a *Folha de S. Paulo* publicou minha carta de desfiliação, que reproduzo na íntegra, com algumas inserções explicativas colocadas entre colchetes.

* * *

* Publicado em *Caros Amigos* n. 84, de fevereiro de 2004.

Por que deixo o PT

Armou-se um quiprocó a partir de minha intervenção no plenário do décimo Encontro Nacional do PT. Não desejo que, descontextualizados fatos e frases, se consolide a versão de que eu teria insinuado acusações contra José Dirceu. Além de injusta com ambos — não faço insinuações contra as pessoas, nem Dirceu se presta a alvo desse tipo de coisa —, essa versão só serve para encobrir a natureza do debate abortado.

Um mau encontro refletiu a má situação do PT. E, seguindo a tradição escolástica, reiteramos o comportamento de buscar em refinamentos do nosso discurso interno — ora com inflexões “à esquerda”, ora “à direita” — a saída para uma crise que não habita aí. Agindo com autonomia em relação ao discurso eventualmente predominante, processos desestruturantes muito mais básicos corroem, à vista de todos, os fundamentos da nossa militância.

Quando criamos o partido, herdamos um capital político formado nas comunidades católicas, no movimento sindical, em organizações de esquerda, em universidades, no campo, no exílio. O movimento de São Bernardo apresentou um ponto de aglutinação para essa energia que estava dispersa. Ganhamos um impulso, que podemos chamar de “impulso de São Bernardo”. Dele extraímos grande vitalidade. Mas o partido muda, e a sociedade em que ele atua muda também.

O impulso de São Bernardo está esgotado. E o destino nos emparedou: não tivemos condições de promover as transformações que desejaríamos, mas já temos acesso a parcelas de poder suficientemente significativas para alimentar muitos apetites mesquinhos. Em um partido construído com ideais, essa combinação de impotência e poder, quando prolongada, é fatal. Aquele imaginário — partido de massas, democrático, socialista — foi sendo remetido para um território mítico.

Talvez tenha aflorado no meu discurso uma mágoa mal resolvida. Durante a última campanha presidencial [1994] ficou claro em certo momento que muito provavelmente perderíamos.

Coloquei-me à disposição do partido. Licencie-me do trabalho, instalei-me em São Paulo. Recebi uma missão e tentei cumpri-la. Durante a campanha sugeri diversas vezes a um alto dirigente [Lula] que abrissemos nossas contas e pedíssemos que os demais candidatos fizessem o mesmo para que a opinião pública pudesse conhecer os financiadores de cada um. Soube então, vagamente, que não faríamos isso. Depois da campanha, soube por que tínhamos de manter nossos financiadores na sombra. Senti-me traído.

Ao ir à tribuna do décimo Encontro eu estava disposto a dizer coisas duras. Mas eram muito menos duras do que o que se diz nos corredores. Minha frase sobre o dinheiro da [empreiteira] Odebrecht não foi dúbia nem irônica. Até onde sei, não houve desvio individual de conduta. Tudo decorreu de uma lógica, a das máquinas eleitorais.

José Dirceu é inocente, mas não o sistema de poder que governa o PT, aliás com o apoio das bases. Boa parte do que resta delas está cooptada. Grandes ambições articulam pequenas ambições, grandes chefes têm sob si chefes menores, empregos mais altos geram empregos para quem está embaixo. Em regiões importantes, como o Rio de Janeiro e São Paulo, consolidou-se no partido uma ampla e complexa rede de interesses materiais e de poder que já é impermeável ao debate de idéias, transformado em caricatura de si mesmo.

O que eu queria dizer, se me tivessem deixado concluir, é que na eleição de seu novo presidente o partido deveria emitir um sinal de que pretende reagir a dificuldades desse tipo e não posicionar-se por essa ou aquela inflexão do discurso. Não apoiei Hamilton Pereira [à presidência do PT] por ele representar “a esquerda”. Mas porque sua eleição, no lugar da de José Dirceu, teria sinalizado que, apesar das dificuldades, o PT reafirmava sua disposição de manter-se fiel aos seus ideais de origem. Ao eleger Dirceu, a maioria escolheu o quadro mais capacitado para gerenciar o condomínio de ambições que perpassa o partido.

José Dirceu e outros que têm história conseguem manter sua própria integridade. Outros, mais novos, por esses milagres da natureza, também. Mas é em um ambiente de cinismo que está se

formando uma nova geração da esquerda brasileira. Uma geração que, por isso, quase ainda não lutou e já foi derrotada. Muitos vão embora. O PT suga seus quadros, oferecendo a eles apenas uma revolta genérica contra as injustiças sociais. Quando partem, cansados, não levam consigo nenhuma visão de mundo que os ajude a viver com dignidade e esperança, multiplicando na sociedade dignidade e esperança.

Não há solução orgânica para a crise do PT que não passe por uma solução moral, que é a recuperação da dimensão ética da militância, e por uma solução política, que é o estabelecimento de uma visão de mundo compartilhada, que nos devolva fundamentos comuns. Esperei muito por isso, tentei isso, em vão.

Os melhores dirigentes do PT são pessoas de bem, mas não estão dispostos a promover a necessária renovação intelectual e moral do partido. Estão sempre prontos a fazer uma concessão a mais, que nunca é a última. Nossa bem conhecida tradição de intolerância política encobre outra, por enquanto menos exposta, de frouxidão com princípios. Minha cabeça funciona ao inverso.

Como isso pode ser dito por um integrante das chamadas correntes radicais?

Uma hegemonia só se consolida quando abriga dentro de si sua própria oposição. As forças políticas hoje [1995] hegemônicas no Brasil querem reservar ao PT o papel de oposição subordinada, a ser usada mais adiante, se necessário, numa alternância de poder apenas aparente. Daí minha simpatia crítica à chamada esquerda do partido.

Quem se nega a fazer o jogo de um “antixiitismo” primário — que, com frequência, é apenas o jogo dos arrivistas — logo é transformado em “xiita” pelos porta-vozes de um medíocre senso comum. Embora minhas críticas a esses setores sejam bem conhecidas dentro do PT, nunca neguei essa condição de “xiita”, que me atribuíam, para prestar uma silenciosa solidariedade àqueles que têm sido demonizados sem que possam se defender. Aqueles que, mesmo equivocados, mantêm viva a tradição de uma militância eticamente orientada.

Algumas pessoas se referiram ao ocorrido como o fim da minha possibilidade de influir no PT. Não me surpreende. Depois de quinze anos de militância sem ter buscado poder pessoal, nem lealdades fisiológicas, nem cacifes de quaisquer tipo que possam ser usados em barganhas — meu único patrimônio são minhas parcas idéias —, nunca me iludi sobre minha condição descartável, contraface de minha própria independência.

Desfilio-me do PT. Aos amigos que deixo nele desejo a melhor sorte. Eles mantêm a esperança que era a minha, e que perdi. Tomara que tenham razão.

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1995

* * *

RELENDO A CARTA, vejo que naquele momento compreendi qual era a tendência predominante e que ela era inexorável. Agi de acordo com essa convicção, incompreendida então por quase todos. Paguei alto preço. Desde que deixei o PT, há quase nove anos, tenho tentado me manter fiel a uma militância que busca reconstruir aqueles fundamentos a que me referi, tendo em vista contribuir para uma refundação da esquerda brasileira. Quanto ao PT, em 1995 era um grupo de freiras, perto do que é hoje.

Ao contrário de Fernando Henrique Cardoso, não quero que esqueçam o que escrevi.

PÁGINA 146
EM BRANCO